



As emoções nas ruas barcelonesas do século XV The Emotions on the Barcelona Streets of the Fifteenth Century

Cláudia Costa BROCHADO¹

Resumo: Nos relações estabelecidas pelos cidadãos de Barcelona do século XV as emoções se manifestam de maneira turbulenta, principalmente no que se refere aos vínculos afetivos. Dessas relações e de seus conflitos derivam processos judiciais que trazem em seu texto, principalmente nos depoimentos, a expressão latente das emoções dos envolvidos. O presente artigo apresenta esses relatos através da transcrição parcial de alguns dos processos, pretendendo uma aproximação aos sentimentos desses barceloneses e barcelonesas de finais da Idade Média.

Abstract: The relationships between the citizens of fifteenth century Barcelona were often turbulent, especially between couples. The conflicts that occurred sometimes resulted in legal proceedings. The statements submitted for these cases were a visible expression of the emotions and conflicts involved. This article presents some of these legal proceedings through partial transcriptions, with the aim of getting as close as possible to the feelings and emotions of the people of Barcelona at the end of the Middle Ages.

Palavras-chave: Emoções – Barcelona – Séc. XV – Processos judiciais – Matrimônio.

Keywords: Emotions – Barcelona – Fifteenth century – Marriage.

Recebido em 08.08.2012

Acceto em 11.09.2012

No final da Idade Média, mais precisamente nos séculos XIV e XV, algumas mulheres e homens se dirigiram ao Tribunal Eclesiástico de Barcelona para reclamar na justiça algum direito que acreditavam ter em relação a seus amantes,

¹ Professora da Universidade de Brasília (UnB). Linhas de pesquisa: *A Querelle des Femmes na Península Ibérica* (Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais –UFPB). *Mulheres, narrativas e poder* (GEFEM – UnB). *Matrimônio e Sexualidade na Idade Média* (PEM – UnB) E-mail: claubrochado@gmail.com. Grupo Interdisciplinar de Estudos Medievais - UFPB.



prometidos/as, esposos/as. Abriam processos que foram catalogados como “matrimoniais”. Na leitura dessa documentação pudemos ter acesso às emoções expressas nos depoimentos das partes envolvidas, emoções que falam sobre sentimentos de raiva, paixão, ciúmes, amor, nas palavras dos próprios envolvidos.

Os processos que servem de base documental para esta análise fazem parte do fundo documental do Arquivo Diocesano de Barcelona (ADB) denominado “*Els processos dels segles XIV i XV*”, dos quais foram selecionados os relacionados às questões matrimoniais. Este corpus é composto por mais de 130 processos do século XV², relacionados a 79 causas, preservados no Arquivo Diocesano de Barcelona (ADB).³ Os processos jurídicos eclesiásticos relacionados a conflitos matrimoniais são muito raros no contexto medieval, sendo mais frequente encontrarmos esse tipo de registro a partir do séc. XVI. Na Península Ibérica medieval, por exemplo, é possível localizá-los, pelo que tudo indica, somente na região da Catalunha. Em Portugal, por exemplo, desconhece-se esse tipo de documentação para o período medieval.

Assim, a documentação que serviu de base para a análise que ora se apresenta, possui grande excepcionalidade e sua importância como fonte histórica é reforçada pelo conteúdo temático dos processos cuja análise permite uma aproximação a temas pouco desvelados da sociedade de finais da Idade Média.

Além de pedidos de separação matrimonial, encontramos outros conflitos, relacionados ao matrimônio e específicos do contexto medieval, como confirmações de promessas de matrimoniais ou legitimações de matrimônios clandestinos. Composto ainda o fundo selecionado, estão as denúncias de concubinato clerical, estupro e prostituição.

Nas páginas que seguem, vamos ver como as emoções emanadas dos conflitos mencionados são reveladas, qual a aproximação que podemos alcançar dos sentimentos que brotavam das relações estabelecidas entre os cidadãos de Barcelona do século XV. A convivência urbana num período turbulento como

² O fundo documental analisado possui apenas um processo do século XIV.

³ Os processos foram transcritos pela autora e compõem o apêndice documental da tese de doutorado: BROCHADO, Cláudia Costa. *As Mulheres nos Processos Matrimoniais da Catalunha do Século XV*. 441 f. Apêndice Documental Tese (Doutorado em História) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 1995.



foi este final da Idade Média, em uma cidade de grande expressão como Barcelona, que ao ter potencializada sua grande riqueza cultural e material, apesar das crises do período, vê crescer também as mazelas típicas de uma grande cidade baixo medieval.

A pobreza, a violência, aliados aos problemas políticos e suas consequências militares, geram uma variedade de conflitos urbanos, fruto das relações estabelecidas nas ruas, nas oficinas, nos quartos, nas igrejas e nas tavernas barcelonesas.

Por acreditar que no que se refere às emoções, o ideal é dar voz àquele/a que as expressam, já que as categorias de análise de que dispomos são limitadas nesse terreno, decidimos transcrever parte dos depoimentos que constam dos processos, pois será nos depoimentos prestados no Tribunal Eclesiástico de Barcelona, e redigidas pelo escrivão, que chegamos a essas emoções. No documento físico, cadernos em papel, ficaram também registradas as dificuldades dos escrivães para não deixar escapar nada daquelas falas, mostrando uma grafia muito mais imperfeita, se comparada a outras partes do processo.

Certamente fruto da pressa para acompanhar a voz daquele/a que respondia a alguma pergunta, expressando nas respostas suas dores, raivas e afetos, enfim, suas emoções. Os escrivães fazem o que está ao seu alcance para lidar com a língua românica, o catalão, que assim como as demais línguas românicas do período, não está normatizada. Para não perder justamente a emoção que só pode ser expressa no coloquial da língua que se fala nas ruas e nas casas de Barcelona, eles redigem as expressões idiomáticas das conversas cotidianas, com pouca ou nenhuma regra, mas com o compromisso de transcrever literalmente o que é dito. Aqui reside a excepcionalidade dessa documentação para o contexto medieval, razão também de priorizar neste artigo, a transcrição dos depoimentos.

Vamos começar pela expressão “paixão” que encontramos no depoimento de Miquel Peyró, testemunha do processo contra Benet Perpinyà, curador da igreja de Santa Maria del Mar de Barcelona, acusado de viver em concubinato com Govina, filha de Pere Goví, já falecido.⁴ Miquel Peyró relata ter visto Govina

⁴ *Archivo Diocesano de Barcelona (ADB), proc. 1956.*



dizer muitas coisas pela “*gran passió*” que tinha por Benet.⁵ Esta testemunha, ao ser perguntada se sabia algo sobre essa relação de concubinato, relata uma conversa sua com Govina, explicando a reação desta frente à ausência do clérigo Benet.

Esta “grande paixão”, conforme relata, estaria relacionada também aos ciúmes dela.⁶ Todas as testemunhas que se apresentam ao Tribunal Eclesiástico para dar seus depoimentos sobre essa relação, ressaltam os ciúmes de Govina, o que leva a supor que provavelmente a manifestação dessa emoção favoreceu uma publicidade explícita da relação, provocando a abertura de uma inquisição por concubinato clerical.

Os depoimentos descrevem Govina como uma “amante e concubina”⁷ que tenta controlar o acusado, procurando-o pelas tabernas da cidade, ameaçando deixá-lo em brigas presenciadas por vizinhos, mostrando não preocupar-se com os riscos de dar publicidade a uma relação ilícita. Mesmo sendo comuns os casos de concubinato clerical,⁸ há nesse período uma tendência a um maior controle sobre essas práticas, o que é comprovado pela abertura desta inquisição.

Abaixo transcrevemos os depoimentos integrais ou parciais de algumas testemunhas e do próprio acusado. Não há registro do depoimento de Govina, porém recebemos informações dela através dos depoimentos das testemunhas que se apresentam. O primeiro depoimento será do já mencionado Miquel Peyró, em seguida o de Violant - razão dos ciúmes de Govina -, o terceiro depoimento será do acusado, Benet Perpinyà, e o último, do vizinho de Govina, que relata as brigas e discussões presenciadas:

⁵ *Ib.*, fol. 2r.

⁶ “*era gelosa*”, *ib.* fol. 1r.

⁷ “*anamorata he concubina*”, *ib.*

⁸ Sobre o tema, ver o livro recém-lançado: SILVA, Edlene. *Entre a Batina e a Aliança – Sexo, Celibato e padres casados*. São Paulo: Annablume, 2010.



Transcrição completa do proc. 1956⁹

[1r] *Die iovis, intititata secunda mensis madii, anno a nativitate Domini millesimo CCCC LXXXX nono, iuravit et deposuit testis seguens:*

Discretus Michael Benedictus Peyró, presbiter, in Sede Barchinone benefficiatus, testis citatus, iuratus et cetera.

Et primo fuit interrogatus ell testimoni si coneix mossèn Benet Perpinyà, prevere benefficiat in Sancta Maria de la Mar, e dix que ell testes coneix dit mossèn Benet Perpinyà, per quant lo veu en Barchinona e és benefficiat he procurador de Sancta Maria de la Mar.

Interrogatus ell testimoni si sab ni ha huit dir si dit mossèn Benet Perpinyà / tingua per anamorada he concubina una dona appellada Govina, filla de mossèn Pere Goví, quondam, algutzir e aquella stiga a son pa he son vi he casa parada. E tot lo que.y sapia que digue la veritat. *Et dixit* que *hoch scire*: que en torn de sis o set mesos ha que la dita Govina vingué de nit deffressada en casa del pare d'ell testimoni, demanant a ell testimoni. E, no trobant-lo, vingué en casa de una dona, appellada Violant, hont era ell testimoni. Arribà en dita casa tota deffressada. Dix unes o semblants paraules per quant ella dita Govina era gelosa, segons son parlar, que dit mossèn Perpinyà no fos en casa de dita Violant, dient si era allí mossèn Perpinyà per quant havia dosos anys passats que no havia faltat de no dormir ab ella Govina, e aquella nit li havia faltat, e.s creya que fos en / [2r] casa de dita Violant, dient allí moltes coses ab gran passió que tenia de dit mossèn Perpinyà. E axí, no trobant-lo, se'n tornà en sa casa. E après \a cap de dies/, ell testimoni passà per la casa de dita Govina. E dita Govina dix a ell testimoni com dit mossèn Benet Perpinyà, la nit que ella lo cercava e torna en casa, que.l trobà en sa casa, e que dormí ab ella dita Govina. E àls no.y sab ell testimoni.

Ffuit sibi lectum et perseveravit.

Dictis die et anno iuravit et deposuit testes seguens: / Yolans, infanta, testis citata, interrogata.

Et primo fuit interrogata ella testimoni si coneix un capellà appellat mossèn Benet Perpinyà, prevere, benefficiat en Sancta Maria de la Mar, e dix que ella testimoni coneix dit mossèn Benet Perpinyà. E axò per quant és vengut moltes voltes en la casa d'ella testimoni.

Interrogata ella testimoni si sab ni ha hoit dir que dit mossèn Benet Perpinyà tinga per anamorade he concubina una dona appellada Govina, *et dixit* que sí: lo dit mossèn Perpinyà ha dit a ella testimoni / [3r] que tenia per anamorada dita Govina. E segons dix ella testimoni que.s recorda que la nit de Sant Jacme he sant Cugat pus proppassade vingué la dita Govina en casa d'ella e congoxant-se de mossèn Perpinyà, apassionant-se d'ell, dient que grans temps havia que no li havie mancat nenguna nit a dormir e que aquella nit no l'avie vist, demanant a ella

⁹ As transcrições apresentadas neste artigo fazem parte dos 80 processos transcritos parcial ou integralmente para compor o apêndice documental da tese de doutorado já citada. Para facilitar a compreensão do texto, traduzimos os depoimentos em catalão e latim (em geral, apenas as fórmulas processuais) ao português.



testimoni si l'avie vist. E axí ella testimoni li donà-se rahó. E dita Govina se'n anà.
E als no.y sab ella testimoni.

Ffuit obtimatum proinde quod dictus Perpinya personaliter pateret coram indice.

Die sabbati, intitulata quinta mensis madii, anno predicto.

Discretus Benedictus Perpinya, presbiter, in ecclesia Beate Marie Maris benefficiatus, testis deponens.

Et primo fuit interrogatus ell testimoni deposant si coneix una dona appellada Govina, filla de mossèn Goví, quondam, algutzir, et dix que ell deponent la coneix e, segons dix interrogat, stà al carrer de Besoya, prop la casa d'ell deponent.

Interrogatus ell testimoni deposant quant ha que coneix dita Govina, e dix que en torn nou o deu anys ha que ell testimoni deposant coneix dita Govina, per quant lo pare de la dita Govina la portà de Tarragona¹⁰ en casa d'ell.¹¹ [4r]

Interrogatus si ell testimoni deposant ha tenguda he thé per anamorada he concubina la dita Govina, e dix que no, val Déu.

Interrogatus si ell testimoni deposant ha menjat en una taula he dormit en hun lit ab dita Govina, e dix que ell¹² ensemps ab son pare e sens son pare ha menjat en casa de dita Govina he dormit en la casa, pero no ab dita Govina.

Interrogatus si ell testimoni deposant ha conegut carnalment dita Govina, e dix que no, que sa mare ni son¹³ germà ni cuyada no posarien en casa sua, si tal fos.

Interrogatus si ell testimoni deposant ha fet ni fa la depesa de pa e vi e altres cosas, he logada casa a la dita Govina, e dix que, per lo sagrament que fet ha, que may ha / pagats diners del seu a la Govina.

Ffuit sibi lectum et perseveravit. /

[5r] *Die mercurii, intitulata XV mensis madii, anno predicto, iuravit et deposuit testis sequens.*

Discretus Iacobus Seguí, regis scriba, testis iuratus, citatus, interrogatus et cetera.

Et primo fuit interrogatus ell testimoni si coneix mossèn Andreu Perpinyà, presbere, benefficiat a Sancta Maria de la Mar, et dix que sí, per quant més ha de dos annys que li és vehí e ja abans lo conexia.

Interrogatus ell testimoni si sab ni ha huït dir que dit mossèn Andreu Perpinyà tinga per anamorada he concubina una dona appellada Govina, e que tot que.y sàpia¹⁴ que ell testimoni diga / la veritat. *Et dixit* que stà en veritat que ell testimoni coneix una dona qui.s diu na Govina, qui stà devant la casa d'ell testimoni¹⁵ he ha vist, he tots dies veu, que lo dit mossèn Perpinyà moltes he diverses voltes del die entre he ex en casa de la dita Govina. E ell testimoni ha vist he veu de dos anys pessats ensà que¹⁶ ha que atura en dit carrer. E per lo semblant ha vist que la dita Govina és anada en casa del dit mossèn Perpinyà e aqui és aturat per alguns dies.

¹⁰ *Segue in ms. per que riscado.*

¹¹ *Segue in ms. interrogatus ell testes deponens riscado.*

¹² *Segue in ms. ha riscado.*

¹³ *Segue in ms. sos riscado.*

¹⁴ *Segue in ms. sab riscado.*

¹⁵ *Segue in ms. e per la senal riscado.*

¹⁶ *Segue in ms. que riscado.*



E açò moltes voltes. E pot haver circa de mig any pessat que ell testimoni stant a la finestra / [6r] de casa sua, que stà devant la casa de la dita Govina, e essent hora molt tarda, aço és, envers XI hores de nit, ell testimoni hoy gran ramor he crits en casa de la dita na Govina. E ell testimoni scoltant dita ramor, hoy que la dita na Govina donave els al dit mossèn Perpinyà, dient-li que ell, dit mossèn Perpinyà, donave a altre dona, e que a ella la feya¹⁷ morir de fam, e que li aguera més volgut que agués presa una cadira e.s fos anada metre al mig del bordell e comanade al mayor roffià, del qual / seria més stimada que de ell, dit mossèn Perpinyà. E que ell, dit mossèn Perpinyà, sabia ella dita Govina si s'era aconartada d'altres persones per causa d'ell, dit mossèn Perpinyà, ço és, per fer per ell¹⁸, dit mossèn Perpinyà. E que maleyta fos la hora que ella dita Govina se acostà ni conegué a ell, dit mossèn Perpinyà. E lo dit mossèn Perpinyà li replicave que no se enfalonís ni cregués totes coses, car ell era allí per adobar-ho. E la dita Govina donave comiat al dit mossèn Perpinyà, dient-li que se'n anàs e li isqués de casa, que may se acostaria¹⁹ ella, dita Govina, ab ell. / [7r] E axí hagueren moltes rahons, la hu donant tels a l'altre, del qual apunt no.s recorda ell testimoni, e poch dies ha que la dita na Govina demanà a ell testimoni del dit mossèn Perpinyà sobre unes rahons que lo dit mossèn Perpinyà li havie dites de una dona appellada Violant, casi mostrant la dita Govina tenia gran pesar que lo dit mossèn Perpinyà fos anamarat de la dita na Violant. E moltes voltes ell testimoni²⁰ ha vist entrar lo dit mossèn Perpinyà en casa de dita Govina, dient que ha dolt e açò creu ell testimoni que fahia he dehia lo dit mossèn Perpinyà per causa de la gent qui era dins la scrivania. E la fama pública és per tot lo carrer que dit mossèn Perpinyà thenc per concubina pública dita Govina. E àls no.y sab ell testimoni sinó que ha huít que en torn de hun any ha que dit mossèn Perpinyà \ensà té dita Govina/.

Interrogatus qui.y pot saber, e dix que tots los del veynat, ço és, una dona Anthònia, francesa, e la dona del Bestart Valsecha, n'Aulàlia Fonolló.

Tradução livre:

“[1r] Quinta-feira, 2 de março, ano do nascimento do Senhor, 1499, jura e depõe a seguinte testemunha:

Discreto Miquel Benet Peyró, presbítero, beneficiado na Sé de Barcelona, testemunha, é tomado juramento etc.

E primeiro foi interrogado, ele testemunha, se conhece monsenhor Benet Perpinyà, padre beneficiado da Santa Maria del Mar, e diz que ele, testemunha, conhece dito Benet Perpinyà, por vê-lo em Barcelona, sendo beneficiado e curador de *Santa Maria del Mar*.

¹⁷ *Segue in ms. fehe riscado.*

¹⁸ *Segue in ms. perdit riscado.*

¹⁹ *Segue in ms. ab riscado.*

²⁰ *Segue in ms. une riscado.*



Interrogado ele, testemunha, se sabe ou há ouvido dizer se o dito mosenhor Benet Perpinyà / tenha por amante e concubina uma mulher chamada Govina, filha do senhor Pere Goví, e que esta receba dele pão e vinho e casa montada. E diga a verdade sobre tudo que saiba. E diz que sim, sabe: que em torno de seis ou sete meses a dita Govina veio de noite disfarçada a casa do pai dele, testemunha, chamando por ele, testemunha. E, não o encontrando, veio a casa de uma mulher, chamada Violant, onde ele estava. Chega à dita casa toda disfarçada. Diz essas ou semelhantes palavras, já que ela, dita Govina, pelo que dizia, estava com ciúmes de que o dito senhor Perpinyà estivesse na casa da dita Violant, perguntando se o senhor Perpinyà não estaria lá, já que ele, em dois anos, nunca havia faltado de dormir com ela, dita Govina, e que aquela noite havia faltado, e [que] achava que [ele] estivesse na / [2r] casa de dita Violant, dizendo ali muitas coisas pela grande paixão que tinha pelo dito senhor Perpinyà. E assim, não o encontrando, volta para casa. E depois \passado alguns dias/, ele, testemunha, passa pela casa da dita Govina. E dita Govina diz a ele, testemunha, que dito senhor Benet Perpinyà, na noite que ela o procurava, ao voltar para casa, o encontrara em sua casa, e que [ele] dormiu com ela, dita Govina. E mais não sabe, ele testemunha.

Foi-lhe lido e confirmado.

No mesmo dia e ano, toma juramento a testemunha seguinte: / Violant, infanta, testemunha citada, interrogada.

E primeiro foi interrogada, ela testemunha, se conhece um capelão chamado Benet Perpinyà, presbítero, beneficiado na Santa Maria del Mar, e diz que ela testemunha conhece dito mosenhor Perpinyà. E isso porque ele veio muitas vezes a casa dela, testemunha.

Interrogada, ela testemunha, se sabe ou ouviu dizer que o dito senhor Benet Perpinyà tenha como amante e concubina uma mulher chamada Govina, e diz que si: o dito senhor Perpinyà disse a ela testemunha / [3r] que tinha como amante dita Govina. E pelo que ela, testemunha, se recorda, diz que, na noite de *Sant Jaume* e *Sant Cugat* passada, veio, dita Govina, a sua casa e queixando-se do senhor Perpinyà, apaixonada por ele, dizendo que há muito tempo ele não faltava nenhuma noite sem dormir com ela e que aquela noite ela não o havia visto, perguntando a ela, testemunha, se o havia visto. E, assim, ela, testemunha, lhe dá razão. E dita Govina vai embora. E mais do que isso ela, testemunha, não sabe.

Foi intimado o dito Perpinyà pessoalmente para que seja tomado depoimento.

Sábado, 5 de março do corrente ano.

Discreto Benet Perpinyà, beneficiado na igreja Santa Maria del Mar, testemunha depoente.

E primeiro diz, interrogado em depoimento, ele testemunha, se conhece uma mulher chamada Govina, filha de senhor Goví, meirinho, e ele, depoente, diz que a conhece e, segundo diz, interrogado, vive na rua de Besoya, perto da casa dele, depoente.

Interrogado ele, testemunha depoente, quanto tempo conhece a dita Govina, e diz que em torno de nove ou dez anos que ele, testemunha e depoente,



conhece dita Govina, já que o pai da dita Govina a trouxe de Tarragona para sua casa. / [4r]

Interrogado se ele, testemunha depoente, teve ou tem por amante e concubina a dita Govina, e diz que não, valha-me Deus.

Interrogado se ele, testemunha depoente, comeu em uma mesa e dormiu em uma cama com a dita Govina, e diz que ele, no passado, com seu pai ou sem seu pai, comeu na casa da dita Govina e dormiu na casa, mas não com a dita Govina.

Interrogado se ele, testemunha e depoente, conheceu carnalmente a dita Govina, e diz que não, que nem sua mãe, nem seu irmão e cunhada não pousariam em sua casa se assim fosse.

Interrogado se ele, testemunha e depoente, fez ou faz despesa de pão e vinho e outras coisas, e aluga casa a dita Govina, e diz que, pelo sacramento que fez, que nunca / gastou seu dinheiro com a dita Govina.

Foi-lhe lido e confirmado. /

[5r] Quarta-feira, dia 15 de março do corrente ano, jura e depõe a testemunha seguinte.

Discreto Joan Seguí, escrivão real, testemunha jurada, citada, interrogada etc.

E primeiro ele, testemunha, foi interrogado se conhece o senhor Andreu Perpinyà, presbítero beneficiado na Santa Maria del Mar, e diz que sim, já que há dois anos é seu vizinho e já antes a conhecia.

Interrogado ele, testemunha, se sabe ou ouviu dizer que o dito senhor Andreu Perpinyà tem por amiga e concubina uma mulher chamada Govina, e que de tudo que saiba ele, testemunha, que diga / a verdade. E diz que é verdade que ele, testemunha, conhece uma mulher que se chama Govina, que vive em frente a casa dele, testemunha, e viu, e todos os dias vê, que o dito senhor Perpinyà muitas e diversas vezes do dia entra e sai da casa da dita Govina. E ele, testemunha, viu e vê que há dois anos que ele pára lá na dita rua. E por isso viu que a dita Govina foi à casa do dito senhor Perpinyà e que ficou por alguns dias. E isso muitas vezes. E pode ter por volta de meio ano que ele testemunha estando à janela / [6r] de sua casa, que está em frente à casa da dita Govina, e sendo muito tarde, ou seja, em torna das 11 horas da noite, ele, testemunha, ouve uma grande briga e gritos na casa da dita Govina. E ele, testemunha, escutando tal briga, ouve que a dita Govina brigada com o dito senhor Perpinyà, dizendo-lhe que ele, dito senhor Perpinyà, dava a outra mulher e que a ela, lhe fazia morrer de fome, e que seria melhor que ela pegasse uma cadeira e se colocasse no meio do bordel e se encomendasse ao maior rufião, de quem / seria mais querida que dele, dito senhor Perpinyà. E que ele, dito senhor Perpinyà, sabia que ela, dita Govina, foi injustiçada por outras pessoas por causa dele, dito senhor Perpinyà, isso é, por fazer para ele²¹, dito senhor Perpinyà. E que maldita foi a hora que ela, dita Govina, dormiu e conheceu ele, dito senhor Perpinyà. E o dito senhor Perpinyà lhe respondia que não se chateasse, que não acreditasse nessas coisas já que ele estava ali para consertar as coisas. E a

²¹ *Segue in ms. perdit riscado.*



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

dita Govina se despedia do dito Perpinyà, dizendo que fosse embora e que saísse da casa, que nunca mais ela, dita Govina, dormiria com ele. / E assim, discutiram muito, não se recordando ele, testemunha, quais pontos, e há poucos dias a dita Govina pergunta a ele, testemunha, sobre o senhor Perpinyà, sobre umas coisas que o dito Perpinyà lhe havia dito sobre uma mulher chamada Violant, mostrando que a dita Govina estava muito triste por achar que o senhor Perpinyà estava apaixonado pela dita Violant. E muitas vezes ele, testemunha, viu entrar o dito senhor Perpinyà na casa da dita Govina dizendo que tinha dó e ele, testemunha, acredita que ele dizia e fazia isso por causa das pessoas que estavam ali. E é público e notório em toda a rua que o dito senhor Perpinyà tem por concubina pública a dita Govina. E mais não sabe, ele testemunha, a não ser que ouviu dizer que há um ano, mais ou menos, que o dito senhor Perpinyà tem a dita Govina/.

Interrogado, quem pode saber, e diz que todos da vizinhança, ou seja, uma dona Antônia, francesa, e a mulher do Bestart Valsecha, Aulália Fonolló.”²²

Outro processo que revela as emoções derivadas dos conflitos relacionados às relações amorosas refere-se à abertura de uma inquisição para apurar as acusações que pesam sobre Dalmau Pere, curtidor real.²³ Ele é acusado de agressão a Rafaela Maldá e de não cumprir com um mandamento real que o proíbe de manter relações com Bartolomeua Portes.

Rafaela Maldá recorre a Maria de Castela, Rainha de Aragão (1401-1458), para pedir punição ao acusado. A inquisição é aberta por três autoridades: um “doutor em decretos”, Gabriel Peres, um regente real e “doutor em leis canônicas”, Francesc Castelló, e um procurador fiscal real, Mateu Vilas. Rafaela relata que voltava com uma amiga de Clot, uma vila próxima a Barcelona e hoje bairro, quando se encontrou com o acusado, que estaria acompanhado de Bartomeua Portes, além da irmã desta e um amigo.

Segundo Rafaela, estes as acusaram de estar voltando de “terem prazer desonestamente” e, ao tentar se defender, será golpeada com uma espada por Dalmau. Este, no entanto, diz que apenas tentou defender Bartomeua das agressões de Rafaela, que a teria lançado ao chão em uma briga, que começa quando a última acusa Bartomeua de não cumprir o mandamento real que os proibia de estarem juntos.

²² *Ib.*, fol. 1r-7v.

²³ ABB, *proc.* 735.



Dalmau, quando é perguntado por que continuava a encontrar-se com Bartomeua, havendo o mandamento, responde que não podia evitar, já que “gosta muito dela”²⁴, completando que quem pediu o “mandamento” foi um homem que queria tê-la como amante e, não conseguindo, solicita o mandamento.²⁵ O marido de Bartomeua estaria preso “em terra de mouros” quando os conflitos relacionados às relações amorosas de sua mulher ocorriam em Barcelona.

A seguir transcrevemos alguns trechos dos depoimentos do acusado, Dalmau Pere, apresentados ao Tribunal Eclesiástico de Barcelona:

Tradução livre:

Interrogatus si el depositant té per amiga la dita Barthomeua, e dix que no. Mas és / [18r] bé ver que li fa plahers axí com ha d'altres. E ell depositant axí mateix li'n f[.], jatsia que ell depositant no li donà molt, ni ella a ell depositant.

Interrogatus quant ha que ell depositant és stat en un cubert ab la dita Barthomeua, e dix que encara huy hi és stat. E.s ver que ell depositant ha logada la casa e la paga, en la qual / la dita Barthomeua està. E és vers lo Portal Nou.

Interrogatus a quina hora hi és anat a casa de la dita Barthomeua, e dix que susara, car la dita Barthomeua li havia enviat missatge gue y anàs. E ell depositant anà.y e entrà.y per un carraró qui és darrera los tiradors. E fonch après a casa de la / [19r] dita Barthomeua. Però stà en veritat que ell depositant vuy no la havia toçada carnalment. Però stà en veritat que ell depositant la ha conaguda carnalment algunes vegades, que la ha aguda carnalmanet diluns proppassat.

Interrogatus si ell depositant ha prestada alguna seguretats o ha algun manament ho pena de no / ésser en un cubert o loch sospitós ab la dita Barthomeua, e dix ésser ver que un manament ha hagut que no fos ab la dita Barthomeua en un loch sospitós pero nunca may ne prestà alguna seguretats e lo dit manament té [.] Sala.

Interrogatus pus que havia manament de no ésser en un / [20r] cubert ab la dita Barthomeua perquè li és stat, e dix que no se'n poia star, tant de bé li vol. Però stà en veritat que si manament hi ha, que aquell és stat fet a instància d'en Granyana Romeu, guardia de les penyores, que lo dit Granyana és ab sagrament e homenatge ab ell depositant e ha tenguda / per amiga la dita Barthomeua. E despuys que ell depositant és ab sagrament e homenatge ab lo dit Grayana, lo dit Grayana li ha fet fer li dit manament. E açò ha fet per tant com la dita Berthomeua no vol lo dit Granyana. E la present deposició diu ell depositant que vol haver feta sens / [21r] perjudici de un giatge que lo regent la vageria li ha

²⁴ *Ib.*, fol. 20r.

²⁵ *Ib.*, fol. 20r-v.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

otorgat a pregàries d'en FFranyoy Pi, notari, diluns proppassat e sens perjudici del privilegi de la corona que ha, com sia coronat.

Ffuit sibi lectum et perseveravi

Tradução livre:

Interrogado se ele, depoente, tem como amiga a tal Bartomeua, e ele diz que não. Mas que / [18r] é verdade que lhe “faz prazeres”, assim como faz com outras.

Interrogado quanto tempo faz que ele, depoente, esteve sob um mesmo teto com a dita Bartomeua, e diz que ainda hoje esteve. É verdade que ele, depoente, alugou uma casa e a paga, na qual / a dita Bartomeua está. E é perto da Porta Nova.

Interrogado a que horas ele foi a casa da dita Bartomeua, e diz que cedo, já que a dita Bartomeua lhe havia enviado uma mensagem que fosse. E ele, depoente, foi e entrou por um beco que é atrás dos *Tiradors*. E depois foi à casa da / [19r] dita Bartomeua. Porém é verdade que ele, depoente, não a tocou carnalmente hoje. Mas é verdade que ele, depoente, a teve carnalmente algumas vezes, que a teve carnalmente segunda-feira passada.

Interrogado si ele, depoente, prestou alguma “*segurital*” ou algum mandamento ou pena de não / estar sob um mesmo teto ou lugar suspeito com a dita Bartomeua, e ele diz que foi feito um mandamento para que não estivesse com a dita Bartomeua em um lugar suspeito, porém nunca prestou qualquer “*segurital*” e o tal mandamento está com [...] Sala.

Interrogado porque ele esteve, havendo um mandamento de não estar sob um / [20r] mesmo teto com a dita Bartomeua, , e diz que não podia deixar de estar pelo tanto que gosta dela. Mas que é verdade que se existe um mandamento, é porque foi feito a pedido do senhor Granyana Romeu, guarda de penhores, e que o dito Granyana está sob “sacramento e homenagem” com ele, depoente, e que teve / como amiga a dita Bartomeua. E depois que ele, depoente, está sob “sacramento e homenagem” com o dito Granyana, o dito Granyana mandou fazer o tal mandamento. E fez isso porque a dita Bartomeua não quis mais o dito Granyana. E o presente depoimento, diz ele, depoente, que quer que seja feito sem / [21r] prejuízo de uma viagem que o regente do vicariato lhe outorgou a pedido de Françoy Pi, notário, segunda-feira passada e sem prejuízo do privilégio da coroa que tem, já que é coroadado.²⁶

Foi-lhe lido e aprovado.²⁷

Encontramos as manifestações de ciúmes não somente entre amantes, mas também entre marido e mulher e muitas vezes usando a expressão "paixão" para designá-lo. No depoimento que vamos apresentar, o que mais chama a atenção são os comentários feitos pelo marido com relação ao pedido de separação que

²⁶ Refere-se à tonsura, um pequeno corte redondo no cabelo, no topo da cabeça, relacionado ao primeiro grau do clericalato, chamado também de *corona Christi*.

²⁷ *Ib.*, fol. 17v-21r.



ele mesmo teria apresentado ao tribunal eclesiástico. Este, baseando seu pedido na existência de impedimento matrimonial por adultério, que teria ocorrido antes do matrimônio que agora quer anular, não terá nenhum constrangimento de declarar ao tribunal que “perderia a alma, mas não deixaria sua mulher” se não fosse pelo fato de saber que ela teria “feito mal com outro homem.”²⁸

No depoimento de Antoni Calbó, sapateiro, que entra com pedido de separação matrimonial de Margarida, natural da Sicília, ele alega que antes que sua primeira mulher morresse, já vivia uma relação de concubinato com Margarita, o que se constituía em impedimento ao posterior matrimônio realizado por eles. No entanto, os depoimentos nos mostram que as razões do pedido de Antoni estão mais nos ciúmes que sente de sua mulher, que, segundo acredita, lhe traía:

Et primo fuit interrogatus si ell depositant há sposade e presa per muller la dita Margarida, e diz ésser ver que en torn dotze anys há, poch més o menys, que ell depositant fou torbat de la dita Margarida, la qual lavors era vidua, per affecció que ell depositant havia de haver infants de la / [5r] dita Margarida com ell depositant lavors hagués muller, appellada Angelina, la qual era malaltissa e non havia haut infants, e la dita Margarida no volch consentir ne donar loch que ell depositant la conegués carnalment, si donchs ell deponent primeramente no li prometia e li jurava que la pendria per muller, tantost com la dita Angelina foz morta, si morria abans que ells. E de fet un jorn ella foren al carrer dels Orps, en casa d'em Rotlan e sobre unes hores del dit Rotlan, ell depositant e la / dita Margarida si prometeren e.s juraren que ells se pendrien per marit e per muller, si la dita Angelina, muller d'ell depositant, moria abans que ells. E après ell depositant logà uma casa a la dita Margarida al carrer dén Malical. E aqui ella se stave e ell depositant havia plenament de ella, he hac una filla, vivent la muller d'ell depositant. E romàs ancara prenyes de una.ltre filla, quant la muller d'ell depositant morí, la qual morí stant la dita Margarida ensemps ab ell depositant. E après, tantost / [6r] com la dita muller d'ell depositant fou mort, ell, volent complir ló que havia promés e jurat, e crehent ell depositant fer bé e no mal, après pochs dies sposà per muller la dita Margarida. E après tantost ló sendemà hoyren missa e benedició a la sgleya de Sent Pere. E après han stat ensemps com a marit e muller fins a la fest d'Esentció proppassada, que la dita Margarita s'en anà de casa d'ell depositant. E en aquest temps passat el depositant ne havie haut IIII infants.

Interrogatus perquè ell depositant e la dita / Margarida se són separats, et diz que per ço com la dita Margarida há fet mal sos fets e fahia já stant ab ell depositant ab en Ffrancesch Arganelles. Car jatsesia que mestre Johan Paguera e ló penitencier del papa e ffrare Antoni Riera haguessen dit a ell depositant que la dita Margarida no podia ésser sa muller, per ço come ll depositant, vivent sa muller, li havia promés e jurat que la pendria per muller après fos forta/ [7r] la dita muller sua. E per ço no

²⁸ ADB, *proc. 1965, fol. 7r.*



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

l'havien volgut absolve aquells ab qui ell deponent se'n era confessat. Emperò dix ell depositant que bem pogera haver perduda la anima que no la hagera lexada, si ell depositant no hagués sabut que ella hagués fet mal sos fets ab lo dit Ffrancesch Organelles.

Tradução livre:

E primeiro foi interrogado se ele, depoente, esposou e tomou por mulher a dita Margarida, e diz ser verdade que em torno de doze anos, pouco mais ou menos, ele, depoente, encontrou a dita Margarida, a qual antes era viúva, pela vontade que ele, depoente, tinha de ter filhos com a / [5r] dita Margarida, já que ele, depoente, naquela época tinha mulher, chamada Angelina, que era doente e não teve filhos, e a dita Margarida não quis consentir que ele a conhecesse carnalmente, se antes ele, depoente, não a prometia e jurava que a tomaria por mulher, assim que a dita Angelina morresse, se morria antes deles. E de fato um dia [...] ele, depoente, e a / dita Margarida se prometem e juram que se casariam, se a dita Angelina, mulher dele, depoente, morresse antes deles. E depois, ele, depoente, aluga uma casa para a dita Margarida na rua de Malical. E ali ela esteve e ele, depoente, a tinha plenamente, e teve uma filha, vivendo a mulher dele, depoente. E ficou ainda grávida de uma outra filha, quando a dita mulher dele, depoente, morre, a qual morre estando a dita Margarida então com ele, depoente. E depois, logo / [6r] que a mulher dele, depoente, morreu, ele, querendo cumprir com o a promessa e juramento, e acreditando ele, depoente, que fazia o bem e não o mal, depois de poucos dias, casa-se com a dita Margarida. E depois, no dia seguinte, assistiram a missa e a benção na igreja de Sant Pere. A depois ficaram juntos como marido e mulher até a festa da Ascensão passada, quando a dita Margarida foi embora da casa dele, depoente. E que durante esse tempo ele, depoente, teve quatro filhos.

Interrogado por que ele e a dita / Margarida se separaram, e diz que como a dita Margarida fez seus malfeitos e fazia ainda estando com ele, depoente, com Francesc Arganelles. Como mestre Joan Paguera e o penitenciário do papa e frade Antoni Riera disseram a ele, depoente, que a dita Margarida não podia ser sua mulher, porque ele depoente, ainda vivendo sua mulher, a havia prometido e jurado tomar por mulher depois que morresse / [7r] a dita mulher sua. E por isso, aqueles com os quais ele tinha se confessado não o quiseram absorver. Porém, diz ele, depoente, que bem podia ter perdido a alma, mas não a deixaria, não fosse ter ficado sabendo que ela tinha feito seus malfeitos com o dito Francesc Organelles.²⁹

Parte do depoimento de Agnes, viúva do mercador Salvador Petri, que alugava casa para Antoni e Margarida:

²⁹ *Ib.*, fol.4v-7r.



Die sabbati, VII novembris, anno p̄dicto, deposuit testi sequens.

Agnes, uxor quondam Salvatoris Petri, mercatoris, civis Barchinone, testi citada, iurata et interrogata dicere veritatem, quam sciat, in et super hiis de quibus interrogabitur.

I. Et primo fuit interrogata super primo capitulo et dixit, super ipso hoc solum scire: ço és, que lo dit Anthoni Calbó havia per muller una dona, ló nom del qual ell testimoni no sap. Bé és ver que ell testimoni sap que, havent muller, tenia per hamiga en lo carrer d'em Molicoll una dona appellada Margarida, \siciliana/. E açò sap ella testimoni, per ço com li logave unes sues cases. /

Tradução livre:

Sábado, VII de novembro, presente ano, depõe a testemunha seguinte.

Agnes, viúva de Salvador Petri, mercador, cidadão de Barcelona, testemunha citada, jurada e interrogada diz a verdade sobre o que sabe, no que for interrogada.

I. E primeiro foi interrogada sobre o primeiro capítulo e diz sobre isso somente saber: isto é, que o dito Antoni Calbó tinha mulher, o nome da qual não sabe. É bem verdade que ela, testemunha, sabe que, havendo mulher, tinha como amiga na rua do Molicol uma mulher chamada Margarida, \siciliana/. E isso sabe ela, testemunha, porque lhe alugava uma de suas casas.³⁰

A seguir o depoimento de Margarida, mulher de Joan Bellmunt, que confirma as acusações e traz importantes informações sobre a primeira mulher do acusado, que segundo ela, teria morrido de “dor e tristeza”:

Margarita, uxor Iohannis de Pulcro Monte, bosserii, civis Barchinone, testis, et cetera

Super primo capitulo fuit interrogata et dixit super ipso contenta in dicto capitulo fore vera.

Interrogata quomodo scit, et dix per ço o sap com here germana de se cuynada e fo en la benedició del dit Anthoni Calvó e Angelina.

II Super II capitulo fuit interrogata, et dixit contenta in dicto capitulo fore vera. / [14r]

Interrogatus quomodo sit, et dix que per ço o sap: per tal com ella testimoni revenia em cassa del dit Anthoni Calbó e la dita Angelina. E ló dit Anthoni revenien em casa d'ela testimoni.

III Super capitulo fuit interrogata, et dix super ipso hoc solum scire: ço és, que bé paria que ló dit Anthoni Calvó havia conexensa ab la dita Margarida, silciliana. Que stant la dita Angelina malauta e dech morís, ló dit Anthoni Calbó la maté, la muller sua, en casa de la dita Siciliana, la qual tenia per amiga. /

Interrogatus quomodo scit, et dixit que per ço com ho deyen molts: que pusque lo dit Anthoni Calbó havia messa ça muller em casa de la amiga, que no.y. viuria gayra.

Super III, V, VI, VII, VIII, IX, X, capitulis, de verbo ad verbum sibi lectis, fuit interrogatus, et dixit super ipsis hoc solum scire: que vivent la dita Angelina, muller del dit Anthoni Calbó, ló dit Anthoni Calvó tenia per amiga la dita dona Siciliana e n.avia

³⁰ *Ib., fol. 7v.*



infans. E après mort de la dita Angelina, muller sua, la tenia e li / [15r] logave
cassa, segons que à dit demunt.

Interrogata com sab ella testimoni que ló dit Anthoni Calbó la tengués per amiga,
e dix que per ço com la dita Angelina, muller del dit Anthoni Calbó, ló.y deya e
s'enclusia ab ella testimoni, e que per aço morí ella de dol e de tristor.

Tradução livre:

Margarida, mulher de Joan de Bellmunt, botânico, cidadão de Barcelona, testemunha etc.

Sobre o primeiro capítulo foi interrogada e diz ser verdade o que está no dito capítulo. Interrogada sobre como sabe, e diz que sabe por que era irmã da sua cunhada e que esteve na benção do dito Antoni Calvó e Angelina.

II. Sobre o II capítulo foi interrogada e diz ser verdade o que está no dito capítulo. / [14r] Interrogada como sabe sobre isso, e diz que sabe por que ela, testemunha, ia à casa do dito Antoni Calbó e a dita Angelina. E o dito Antoni ia a casa dela, testemunha.

III. Sobre o capítulo foi interrogada e diz sobre isso somente saber: isto é, que, sim, sabia que o dito Antoni tinha conhecimento com a dita Margarida, siciliana. Que estando a dita Angelina doente, do qual morre, o dito Antoni Calbó a coloca, sua mulher, na casa da dita Siciliana, a qual tinha como amiga. /

Interrogada como sabe, e diz, por que todos diziam: agora que o dito Antoni colocou sua mulher na casa da amiga, ela não viverá muito.

Sobre III, V, VI, VII, VIII, IX, X, capítulos, lido palavra por palavra, foi interrogada, e diz sobre isso somente saber: que vivendo a dita Angelina, mulher do dito Antoni Calbó, o dito Antoni Calbó tinha como amiga a dita mulher Siciliana e tinha crianças. E depois da morte da dita Angelina, mulher sua, a tinha e lhe / [15r] alugava casa, segundo dito acima.

Interrogada como sabe ela, testemunha, que o dito Antoni Calbó a tinha como amiga, e diz que sabe por que a dita Angelina, mulher de dito Antoni Calbó, lhe dizia e se queixava com ela, testemunha, e que por isso ela morreu, de dor e de tristeza.³¹

No próximo exemplo, destacamos as ameaças de morte derivadas dos conflitos nas relações amorosas. A ameaça, neste caso, foi feita pelo antigo amante, contra o atual marido daquela com quem teve uma relação amorosa.³² Esta ameaça foi descrita por uma testemunha do processo, que diz ter tentado dissuadi-lo da idéia, argumentando que com isto ele perderia um privilégio muito importante: a cidadania barcelonesa.

³¹ *Ib.*, fol. 13r-15r.

³² ADB, *proc.* 629.



Transcrevemos, a seguir, o depoimento desta testemunha, Francisca Tretxo:

[1r] *Die iovis, XXVII mensis septembris, anno a nativitate Domini M^oCCCCXXX primo, deposuit testis sequens in modum qui sequitur.*

Domina Efrancischa, uxor Dominici de Tretxo, piscatoris, civis Barchinone, testis citata, iurata et interrogata dicere et deponere omnimodam veritatem, quam sciat, super hiis de quibus interrogabitur.

Et primo fuit interrogata / si aquesta testimoni coneix la dona na Maria, muller que fo de mestre Girart Mercer e n'Andreu Cabessa, e dix que hoc, que ja en temps d'en Pere Treginer, marit primer de la dita dona, la conexia. E lo dit Cabessa coneix per ço com en lo temps del dit Pere Traginer mengava e bevia en casa sua del dit Pere Traginer.

Interrogata super primo articulo ex articulis datis per dictam dominam Mariam, fuit interrogata, et dixit contenta in dicto articulo.

[2r] *Interrogata quomodo scit que deponit, et dixit* que per tal com los ha vists estar a marit e muller en un carrer que s'apellava dells Codolls. En quin alberch estava, dix no saber. Mas bé sab que en una botigua, no sab de qui era, stava e hoy dir que eren marit e muller e que per aquells eren reputats en lo veynat e en altres lochs.

Super secundo fuit interrogata et / dixit super ipso scire deponens que après que lo dit Pere Traginer fou mort, lo dit Andreu Cabessa entrava e exia e habitava ab la dita Maria ensemps³³ en la casa de la dita Maria. E après vench una letra a la dita Maria fahent menció que l dit Pere Traginer era en les parts de Cartagena. E la dita Maria per saber-ne la veritate, tramés que lo dit Andreu Cabessa, lo qual devia tornar dins / [3r] cert temps e passat lo temps dins lo qual devia ésser tornat lo dit Cabessa, vehent la dita Maria que no era tornat, lo pres la dita Maria per marit lo dit mestre Girart Mercer. E après que lo dit Andreu Cabessa fonch vengut, trobà que la dita Maria hac pres per marit lo dit mestra Girart e com vench deçà en casa de la dita Maria, menjant e bevent / en la dita casa e anà a mar per lo dit mestre Girart e aportà oli e so que li manà e en altres parts per semblant. E a cap de algun temps lo dit Cabessa vench ha aguest testimoni, rahonant-se ab ella testimoni, dix li que pel cap daytal que ell mataria lo dit mestre Girart, no dient perquè ni perquè no. E ella testimoni respos dient-li: "No fasau, no vulau perdere semblant ciutat jaguets-o a Déu. / [4r] E a cap de temps lo dit mestre Girart ffon mort, la dita Maria féu una letra al dit Andreu Cabessa, qui era en Vallence, que vengués. E de ffect dins poch dies ell fon assí e dreçà e féu cap en la casa de la dita Maria. E après la pres per muller en casa de la dita Maria, present ella testimoni e moltes³⁴ altres persone

³³ *Segue in ms. ab la riscado.*

³⁴ *Segue in ms. altres riscado.*



Tradução livre:

[1r] Quinta-feira, XXVII do mês de setembro, ano do nascimento do Senhor 1431, depõe a testemunha seguinte da maneira que segue:

Senhora Francisca, mulher de Domingos Tretxó, pescador, cidadão de Barcelona, testemunha citada, jurada e interrogada diz e depõe a verdade sobre o que sabe, no que for interrogada.

E primeiro foi interrogada / se ela, testemunha, conhece a dona Maria, que foi mulher do mestre Girart Mercer e de Andreu Cabeça, e diz que sim, que já a conhecia no tempo de Pere Traginer, primeiro marido da dita mulher. E conhece o dito Cabeça, porque, no tempo do Pere Traginer, comia e bebia na sua casa, do dito Pere Traginer.

Interrogada sobre o primeiro dos artigos prestados pela dita dona Maria e diz ser verdade o que está no dito artigo.

[2r] Interrogada como sabe, e diz por que os viu estar como marido e mulher em uma rua que se chamava Codolls. Em que albergue estavam, diz não saber. Mas sabe que estava numa bodega, não sabe de quem era, e ouviu dizer que eram marido e mulher e como tais eram considerados na vizinhança e em outros lugares.

Sobre o segundo foi interrogada e / diz sobre isso saber que depois que o dito Pere Traginer morreu, o dito Andreu Cabeça entrava e saía e morava com a dita Maria, então na casa da dita Maria. E depois, chega uma carta para dita Maria mencionando que o dito Pere Traginer estava pelas bandas de Cartagena. E a dita Maria, para saber a verdade, envia o dito Andreu Cabeça, que devia voltar dentro / [3r] de um certo tempo e vendo a dita Maria que não voltava, toma por marido o dito mestre Girart Mercer. E quando dito Andreu Cabeça volta, vê que a dita Maria tomou como marido o dito Girart e como estava sempre na casa da dita Maria, comendo e bebendo / na dita casa, e vai ao mar pelo dito mestre Girart e traz óleo e tudo o que ele manda e vai em outros lugares parecidos. E depois de algum tempo, o dito Cabeça, vem até ela, testemunha, conversando com ela, testemunha, e lhe diz que jurava que mataria o dito mestre Girart, não dizendo nem porque sim, nem por que não. E ela testemunha responde dizendo: não faça isso, você não quer perder semelhante cidade, Deus o livre. / [4r] E passado um tempo que o mestre Girart morreu, a dita Maria escreveu uma carta para o dito Andreu Cabeça, que estava em Valencia, para que viesse. E de fato, em poucos dias, ele vem e fica na casa da dita Maria. E depois ele a toma por mulher, na casa da dita Maria, presente ela, testemunha, e muitas outras pessoas.³⁵

³⁵ *Ib.*, fol. 1r-4r.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

A mobilidade masculina neste período é uma constante, principalmente pelas guerras e pelo comércio, e grande parte dos viajantes eram homens casados que deixavam em suas cidades de origem suas mulheres e filhos durante meses ou anos. Estas mulheres se transformavam também em um contingente mais vulnerável tanto às agressões sexuais, como mostra Rossiaud,³⁶ quanto à marginalização econômica. O estado de abandono econômico em que se encontravam as mulheres em situações como estas, as obrigavam muitas vezes a transgredir, utilizando para tanto o seu corpo, tanto através da prostituição quanto do concubinato.

Encontramos nos processos um caso de assassinato de uma mulher, que traz ingredientes que indicam a raiva daquele que comete o assassinato. Ramon Bengal, possuidor do benefício chamado “La Mongia”, em Vilafranca del Penedès, é condenado neste processo por concubinato com uma escrava com a qual teve dois filhos. Porém, no decorrer do processo, percebemos que o mesmo Ramon esteve envolvido em um outro conflito que leva ao assassinato mencionado no início.

Segundo os depoimentos apresentados, Ramon Bengal teria mantido relações sexuais com a mulher de Joan de Muntagut, que, no momento da traição, encontrava-se na Sicília. Ao regressar, o marido encontra grávida a mulher e a mata. O fim que dá ao seu corpo mostra sua necessidade de dar publicidade ao fato e também a expressão de sua ira: depois de degolá-la, coloca o seu corpo na porta da igreja mais próxima.³⁷

Outra consequência das longas ausências masculinas, como já dissemos, é a prostituição feminina. Quer seja pelas necessidades econômicas, quer seja pela maior vulnerabilidade aos assédios de cafetinas e rufiões, as mulheres se constituíam em alvos mais fáceis para este tipo de comércio. Um dos exemplos seria o de Coloma Verdaguer, conforme os depoimentos que constam do processo aberto por seu marido contra aqueles que a induziram à prostituição durante sua ausência.³⁸

³⁶ ROSSIAUD, Jacques, *La Prostitucion en el Medievo*, Barcelona, Ed. Ariel, 1986, p. 31.

³⁷ ADB, *proc.* 272.

³⁸ ADB, *proc.* 1675.



Francesc Verdaguer, tecelão, esclarece que ao ir-se de viagem a Saragossa deixa sua mulher em um albergue de Barcelona onde ambos viviam, mas que ao retornar, a encontra vivendo em outro albergue, porém de má reputação. Depois de colocá-la em uma hospedaria e viajar novamente, retorna para buscá-la e pouco tempo depois, descobre que ela tinha ido embora com outro homem. Este processo vai falar da situação difícil vivida por Coloma, que é supostamente roubada e “penhorada” em um bordel de Valência por aquele que a teria levado voluntária ou involuntariamente de Barcelona.

Fala também da decepção deste marido que se mostra inconformado com a fuga da mulher, ao relatar que, ao se despedir dela pela última vez, pede para não preocupar-se, pois “de bom amor”, encontraria uma casa para viverem.³⁹

A seguir, transcrição de parte do depoimento de Francesc Verdaguer:

Die VII^a mensis novembris, anno M^o,CCCC,LXXXX^o.

Franciscus Verdaguer, textor pannorum lani, testis [...] citatus, iuratus et interrogatus.

Et dixit interrogatus super curie preventis: Mossèn, jo tinch muller una apellada Coloma. E per quant la mia possibilitat és pocha, jo tenia una cambra logada en casa de una bona dona apellada Ysabel, la qual stant jo en casa sua, ella morí. E jo levors cercant hon staria, una dona apellada Visola, la qual stà al carrer d'en Rocha, sens que jo no li'n / parlave, ella.m dix que.m dexava una cambra per star jo ab ma muller. E jo trovava qui.n dexava cambre. Els dits Visola e ma muller tostemp me importunaven que stiguess en casa sua. E axí de ffet jo.m mudí en casa sua. E stant allí, lo marit de la dita Visola morí. E après ella pres amiatat ab un apellat Jachme Calaffat. E jo no.n sabia res. E per quant jo haguí anar per mos affers a Ceragoça, jo dexí ma muller / [3r] recomenada a la dita Visola. E diguí a un vehí que li stà al costat, apellat mestre Anthoni, sabater, que.m fessen tant de gràcia que si cars ere que me muller no's avenia ab dita Visola, que ells le.m acullissen en lur casa. E axí jo partí per a Ceragossa. E com torní, trobí qe la dita Visola tenia lo dit Jachme Calaffat palesament per amich. E no trobí ma muller en casa de la dita Visola, / sinó que s'ere mudada en casa de na Catherina, qui té hostel en lo dit carrer d'en Rocha. E açò afasag-me.n, car jo moltes vegades havia fet menament a ma muller que ella no.m entràs ni hisqués en casa de la dita Catherina, per quant jo no.y trobave pler, perquè.m tenia del que après més divent segons vos diré. E jo vehent açò, diguí a ma muller perquè s'ere mudada en casa de la dita Catherina e no en casa / [4r] de mestre Anthoni, e ella mes ses scuses e dix: "Jo ja mi ere mudada e é.y stat dos jorns e perquè ells són una manera de gent, jo me'n só exida". E en açò jo me.n haguí a tornar de cuyta a Ceragossa, e lexí-la molt forçat en casa de la dita Catherina. E après que fuy

³⁹ *Ib., fol. 5r.*



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

tornat, tots quans parents e amichs tenia jo me digueren com ere jo ten honrat, si havia perdut lo seny, e que tant volia tenir en lo bordell com en casa de la dita Catherina. E jo vehent assó, stiguí / desesperat no sabent què fer. E no volguí anar a casa de la dita Catherina ni volguí veure ma muller. E après a cap de tres jorns que jo fuy arribat, la dita Catherina me vench allà hon jo stave e dix-me perquè no anave a casa sua a veure ma muller, e quines coses eren aquestes. E jo responguí dient que per les viltats lurs e tecanyeries no y ere anat. E ella lavors dix: "Veniu a casa a veure-la". E jo li responguí dient: "Vage-se'n. Per abegassa que la / [5r] degollen". E assò deya de gran anuig e malícia que tenia d'ella, de les coses que faya. E après que la dita Catherina se'n fonch anada, jo pensí e aní a casa sua e parlí ab ma muller. E les dos nos dinam. E jo li diguí que no curàs de res ab bona amor, que jo hauria recapte de casa ahon se mudaven. E axí me hisquí de allí anant cercar feyna per viure e lexeí-li un carli per despendre làmine. E restam los dos de bona amor.

Tradução livre:

Sétimo dia do mês de novembro do ano 1490.

Francisco Verdager, tecelão, testemunha [...] citado, jurado e interrogado. E diz, ao seu interrogado pela presente cúria: Mossèn, jo Senhor, eu tenho mulher, chamada Coloma. E como a minha possibilidade é pouca, eu tinha um quarto alugado na casa de uma boa dona, chamada Isabel, a qual morre quando eu estava em sua casa. E eu, procurando onde ficar, uma mulher chamada Visola, que mora na rua do Rocha, sem que eu falasse com ela / diz que me daria um quarto em sua casa para eu ficar com minha mulher. Eu já tinha encontrado um quarto, mas a tal Visola e minha mulher o tempo todo me importunavam para que fôssemos para sua casa. E assim, de fato eu me mudo para a sua casa. E estando ali, o marido da tal Visola morre. E depois ela toma amizade com um tal chamado Jaume Calafat. E eu não sabia de nada. E como eu tive que viajar a Saragossa pelos meus afazeres, eu deixei minha mulher / [3r] recomendada a dita Visola. E disse a um vizinho que está ao lado, chamado mestre Antoni, sapateiro, que me fizesse a graça no caso de acontecer de minha mulher não se dar com a dita Visola, que eles a acolhessem em sua casa. E assim eu viajei para Saragossa. E quando voltei, vi que a dita Visola tinha o dito Jaume Calafat como amigo abertamente. E não encontrei a minha mulher na casa da dita Visola, / pois tinha se mudado para casa de dona Catarina, que tem hospedaria na dita rua do Rocha. E isso me contrariou, pois muitas vezes eu pedi a minha mulher que ela não entrasse nem ficasse na casa de dita Catarina, pois eu não queria, pelo que temia e que logo a frente vos direi. E quando vi aquilo, perguntei a minha mulher porque ela tinha ido para a casa da dita Catarina e não para a casa / [4r] do mestre Antoni, e ela se desculpa e diz: Eu me mudei e fiquei dois dias, mas como eles são um tipo de gente, eu fui embora. E nisso, eu tive de voltar depressa a Saragossa e a deixei muito a contra gosto na casa de dita Catarina. E quando voltei, todos os parentes e amigos que eu tinha me disseram como, sendo se eu era tão honrado,



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

se tinha perdido o juízo, e que tanto valia tê-la colocado num bordel como na casa da dita Catarina. E eu, vendo isso, fiquei/ desesperado, não sabendo o que fazer. E não quis voltar a casa da dita Catarina, nem quis ver a minha mulher. E depois, ao cabo de três dias que eu tinha chegado, a dita Catarina foi aonde eu estava e me perguntou porque eu não ia a sua casa ver a minha mulher e que coisas eram aquelas. E eu respondi que por suas ruindades e tacanhices eu não tinha ido. E ela, então, diz: Venha a casa a vê-la. E eu respondi, dizendo: Vá embora. Que como prostituta / [5r] a degolem. E eu disse isso pela grande raiva que eu tinha dela, das coisas que fazia. E depois que a dita Catarina foi embora, eu pensei e fui a casa de dita Catarina e falei com minha mulher. E nós dois jantamos. E eu lhe disse que não se preocupasse com nada que de bom amor eu faria cargo de uma casa para mudar-nos. E assim fui embora dali para encontrar trabalho para viver e lhe deixei um carlí para ela gastar. E ficamos os dois de bom amor.⁴⁰

No início do artigo eu falei de nossa tentativa de aproximarmos dos sentimentos dos homens e mulheres, em sua maioria pessoas simples, que vivem em Barcelona, no século XV. E os sentimentos aqui revelados mostram as relações amorosas como questão central da vida dos envolvidos, relações que despertam sentimentos de paixão, afeto, raiva e revolta. Emoções que levam os cidadãos e cidadãs de Barcelona a correrem riscos, quebrarem regras, cometerem delitos, porém não abrindo mão de viver as relações desejadas ou manifestar seus sentimentos.

A situação conturbada desse final de Idade Média contribui para acirrar os conflitos que trarão à tona esses sentimentos que acabamos de apresentar. As guerras, a reincidência da peste em algumas das décadas desse séc. XV, o comércio e movimentação que traz a uma cidade mediterrânica tão expressiva como Barcelona, não encobrem, no entanto, as emoções fruto das relações afetivas que fragilizam – e certamente fortalecem – homens e mulheres. Não de igual maneira, na medida em que sabemos que as consequências dos desfechos dos conflitos atingem de maneira diferenciada a ambos.

No entanto, no contexto das dificuldades apresentadas às mulheres, observa-se, na documentação, que estas assumem um papel ativo na vida social, conscientes da realidade de seu tempo e espaço. É possível vê-las atuantes nos processos, defendendo-se, acusando ou protestando. Mais uma contribuição desta rica documentação.

⁴⁰ *Ib.*, fól. 2r - 5r.



MALLORQUÍ-RUSCALLEDA, Enric (coord.). *Mirabilia 15 (2012/2)*
As Emoções no Mediterrâneo Antigo e do início da era moderna
Las emociones en el Mediterráneo antiguo y en el inicio de la era moderna
Emotions in Pre- & Early Modern Mediterranean

Jun-Dez 2012/ISSN 1676-5818

Fonte

Arxiu Diocesà de Barcelona. Els processos dels segles XIV i XV.

Bibliografia

- BROCHADO, Cláudia Costa. Um processo por “rpto de donzela” na Barcelona do sec. XV. O caso de uma falsa promessa matrimonial entre um mercador e uma antiga escrava sarda, in *Acta Historica et Archaeologica Medievalia*, 16-17 (1996), p. 33-57.
- GARRIGÓS C., Helena - BENITO M., Pere. La moral sexual de clergues i laics a les parròquies del Maresme a partir de les visites pastorals (1305 - 1447), in *Acta Medievalia*, 11-12 (1990-91), p. 345-400.
- RIVERA GARRETAS, Maria Milagros (dir.). *Las Relaciones en la Historia de la Europa Medieval*. Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.
- ROSSIAUD, Jacques. *La Prostitucion en el Medievo*. Barcelona: Ed. Ariel, 1986.
- SILVA, Edlene. *Entre a Batina e a Aliança – Sexo, Celibato e padres casados*. São Paulo: Annablume, 2010.
- VINYOLES I VIDAL, Teresa-Maria. *La vida quotidiana a Barcelona vers 1400*. Barcelona: Fundació Salvador Vives Casajuana, 1985.
- _____. La violència marginal a les ciutats medievals (Exemples a la Barcelona dels volts del 1400), in *Violència i marginació en la societat medieval, 1 Revista D'Historia Medieval*. València: Dep. d'Història Medieval, 1990, p. 155-77.